

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
28 de Maio de 2022

JOGADORES, DE PAU MIRÓ / 2017

Um filme de Jorge Silva Melo e Miguel Aguiar

Realização: Jorge Silva Melo, Miguel Aguiar, a partir do espectáculo criado pelos Artistas Unidos em 2015 / Tradução do texto *Jogadores* de Pau Miró: Joana Frazão / Direcção de Fotografia: José Luis Carvalhosa / Cenários: Rita Lopes Alves / Música: Joel Mateus (En Retard); Jack Brooks, Harry Warren (That's Amore), Dean Martin; Rui Rebelo (Bolero) / Som: Armanda Carvalho / Montagem: Miguel Aguiar / Interpretação: Américo Silva (barbeiro), Pedro Carraca (ator), António Simão (coveiro), João Meireles (professor).

Produção: Artistas Unidos - RTP / Cópia: digital, colorida, falada em português / Duração: 68 minutos / Inédito em sala, exibido na RTP a 23 de Novembro de 2015.

O TEMPO, DE LLUISA CUNILLÉ / 2018

Um filme de Jorge Silva Melo

Realização: Jorge Silva Melo, a partir do espectáculo criado pelos Artistas Unidos em 2015 / Tradução do texto de *El Temps* de Lluisa Cunillé: Ângelo Ferreira de Sousa / Direcção de Fotografia: José Luis Carvalhosa / Cenários: Rita Lopes Alves / Música: Time to Funk; Funky House Party; Ludwig van Beethoven / Som: Armanda Carvalho / Montagem: Miguel Aguiar / Interpretação: Rita Brütt, João Meireles; Andreia Bento (voz)

Produção: Artistas Unidos - RTP / Cópia: digital, colorida, falada em português / Duração: 67 minutos / Inédito em sala, exibido na RTP a 23 de Março de 2019.

Versões televisivas de peças de teatro encenadas pelos Artistas Unidos, os dois filmes desta sessão inserem-se num “género” que é ao mesmo tempo um género nobre e um género com tendência a ser desconsiderado. O teatro televisivo, as “teleplays” como se diz no mundo anglo-saxónico, já foram – até em Portugal – um baluarte da produção e da programação da televisão, em tempos que a televisão não renegava a seriedade intelectual pelo prato de lentilhas de um reality show qualquer. Também por isso, de certa forma, estes dois filmes parecem bastante mais antigos do que são, longe que estão dos arquétipos do “produto audiovisual” que estão mais em voga nos tempos em que vivemos.

Também por isso, são filmes que sugerem, ou mais do que isso exprimem (embora num ponto pequeno) uma possibilidade – a possibilidade, para o dizer simplesmente, de a vida de uma peça de teatro poder contrariar o carácter efémero que lhe é inerente e, de algum modo, *perdurar*. Aquela velha ideia de Sacha Guitry, de que o cinema seria apenas “teatro em conserva”, não era uma maneira de apoucar nem o cinema nem o teatro, era uma maneira de fomentar o seu *registo*. E portanto, quer *Jogadores* quer o *Tempo* são, sem disfarces, e sobretudo sem encontrar nenhuma indignidade na ausência de disfarces, “teatro em conserva”. Não serão, em rigor, o registo de uma

encenação teatral, mas de uma encenação teatral criada ou recriada para propósitos da sua filmagem televisiva. Mas sem aquela vergonha da origem teatral que muito filme (de cinema ou de televisão) parece sentir, e que à força de pretender fugir do “teatro filmado” acaba por cair na pior encarnação do “teatro filmado”. Aqui não: do princípio ao fim o “teatro filmado” é uma ideia plena de dignidade e nobreza. Repare-se como a frontalidade é respeitada, como a planificação e os ângulos da câmara até podem variar mas nunca assentam no campo/contracampo nem “esventram” a unidade espacial, como ambos os filmes respeitam de fio a pavio a sua “origem de classe artística” sem se envergonharem dela e, pelo contrário, cantando-a. Vemos estes filmes pelo registo: pelo registo de uma peça teatral que deixou de poder ser vista no palco; e pelo registo de uma coisa fundamental que talvez seja o objecto de maior generosidade de um empreendimento como este, o trabalho dos actores, a memória deles e do seu labor, para que não desapareçam no fundo dos tempos.

As qualidades espectaculares mantêm-se: entramos e ficamos, até ao fim, embrenhados nas melancólicas aventuras destas personagens e dos actores que lhes dão corpo. E queremos lá saber se isto é cinema ou é teatro ou é televisão, ou se é teatro filmado ou cinema teatral ou um filme ou um telefilme. É belíssimo, e pronto.

Luís Miguel Oliveira